

# Giroux e a escola crítica<sup>1</sup>

Adriana Trindade Lorenzatto\*

O autor de *Escola crítica e política cultural*, Henry Giroux, é um estudioso norte-americano que escreve sobre a situação da escola pública nos Estados Unidos. É Ph.D pelo Carnegie- Melon Institute e lecionou na Universidade de Boston. É, atualmente, professor titular da Miami University em Ohio. Define-se como um socialista democrático e seus interesses se situam na sociologia da educação, estudos culturais, alfabetização e teoria do currículo. O título original do livro em foco é *Critical schooling and cultural politics* e foi traduzido para o português por Dagmar M. L Zibas.

A tese central da obra é uma discussão crítica em torno de uma visão alternativa para o papel do professor, que precisa ser considerado como intelectual transformador pelos educadores radicais; da escola, como uma esfera de oposição, e da pedago-

gia radical, como uma forma de política cultural.

A obra está estruturada em dois capítulos. No primeiro, "A pedagogia radical e o intelectual transformador", o autor evidencia o rumo à proletarização do magistério, argumenta sobre uma reformulação do trabalho docente, considerando os professores como intelectuais, e analisa as categorias de intelectuais transformadores, críticos, adaptados e hegemônicos. Por fim, define o papel do intelectual transformador como sendo o discurso da crítica e o discurso da possibilidade.

Giroux analisa o trabalho docente na escola pública americana, relatando que, nos Estados Unidos, assim como em todos os países em desenvolvimento, o professor público está perdendo poder; sua função está sendo reduzida ou a tarefas burocráticas ou às de um técnico especializado.

<sup>1</sup> A presente resenha tem por base o texto de GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992, 104p.

\* Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

Faz-se necessário, então, resgatar o verdadeiro papel e função do professor, que é a do trabalho intelectual, pois esta é condição indispensável para a própria pedagogia crítica. A partir dessa constatação, já é visível, em diversas correntes históricas e sociológicas, uma discussão sobre a reformulação do trabalho docente.

Por influência do positivismo, o modelo dominante nas ciências sociais passou a ser os princípios teóricos das ciências naturais. Com isso, o pensamento crítico reduziu-se, pois, como a teoria foi exigida para explicar o objeto sob análise, o pensamento se subordinou apenas a dimensões técnicas. Houve uma “desvalorização do trabalho intelectual crítico, em benefício de considerações de ordem prática” (p.12-13).

Assim, proliferam os treinamentos de professores buscando uma padronização do conhecimento. O professor passou a ser visto somente como um executor de tarefas; não é um ser que pensa, que analisa, mas um ser passivo. É uma “pedagogia gerencial”, como a chama o autor, a qual quer padronizar o ensino, ignorando diferenças quanto a contextos, experiências individuais de vida, culturas, etc. Nela, os alunos devem todos aprender a partir de um material único; com isso, selecionam-se os melhores, evidenciando-se o desfavorecimento aos menos privilegiados.

O autor enfatiza que, ao se compreender os professores como intelectuais, eles “devem responsabilizar-se ativamente por levantar questões sérias sobre o que ensinam, como devem ensinar e quais os objetivos mais amplos por que lutam. Isto significa que devem desempenhar papel importante na definição dos propósitos e das condições de escolarização” (p.22).

Assim, devem ser profissionais ativos, criativos, críticos e reflexivos, contextualizando as funções sociais que desempenham.

Além disso, na perspectiva do professor como intelectual, deve-se considerar a teoria educacional sob vários aspectos, entre eles como tendo “um profundo compromisso em desenvolver a escola como espaço que prepare os estudantes para participar e lutar por esferas públicas democráticas” (p.25).

Giroux cita Gramsci quando esse afirma que todas as pessoas são intelectuais, argumentando que qualquer atividade humana envolve participação intelectual. Além disso, relata o papel dos intelectuais orgânico-conservadores e orgânico-radicais analisados por Gramsci. É evidenciada também a crítica feita aos teóricos que desconsideram o papel que os intelectuais desempenham na educação e na sociedade dentro de um contexto. Baseando-se, ainda, em Gramsci, o autor analisa a função social dos educadores com base em quatro categorias:

- intelectuais transformadores, cuja tarefa central é “tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico”. Isso significa, respectivamente, inserir a educação diretamente na esfera política e tratar os estudantes como agentes críticos;
- intelectuais críticos das desigualdades e injustiças, mas, frequentemente, incapazes de lutar. Definem-se como “livres de amarras” em relação ao resto da sociedade;
- intelectuais adaptados, cuja postura política promove os interesses das classes dominantes, muitas vezes sem se darem conta disso;

- intelectuais hegemônicos, que, conscientemente, colocam sua liderança à disposição dos grupos e classes dominantes.

Analisando extensivamente os educadores como intelectuais transformadores, Giroux define-os e enumera suas funções, além de afirmar ser imperativo que esses unam com outros professores nas escolas para um envolvimento e análise crítica da relação teoria-prática pedagógica. O autor finaliza esta parte enfatizando que os intelectuais transformadores podem criar uma linguagem de possibilidade que proponha extensas mudanças educacionais e também se criem “condições para formas emancipatórias de fortalecimento social e pessoal de professores e estudantes”( p.52).

No segundo capítulo, “A pedagogia radical e a política da voz do estudante”, são analisados criticamente os dois principais discursos da teoria educacional dominante, que são o discurso pedagógico conservador e o liberal. A seguir, é abordado o desenvolvimento de um discurso adequado a uma pedagogia radical como uma forma de política cultural, baseado essencialmente nos trabalhos de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin.

Giroux observa que nem os estudiosos conservadores, nem os intelectuais radicais se importam com a maneira pela qual os estudantes percebem o mundo e se expressam na escola e fora dela. Ambos apenas criticam a teoria reprodutivista da escola, mas não apontam alternativas de melhor encaminhamento para essa problemática. Para os radicais, o sistema educacional americano é concebido como oprimido pela sociedade dominante e considerado reprodutor. Com isso, assumem uma pos-

tura crítica e derrotista, abandonando o discurso da possibilidade de luta e de mudança.

O autor propõe transcender o discurso radical, que, para ele, falhou por não desenvolver essa linguagem de possibilidade, sugerindo, além do questionamento crítico, que se indiquem “estratégias e modos de atuação alternativos, por meio dos quais uma pedagogia radical se torne realizável”( p.58 ). Para isso, redefine o conceito de poder no contexto de experiências diárias, pedagogia de sala de aula e expressão do estudante, como também analisa o discurso como meio e produto do poder. Como consequência, visa propor aos educadores radicais “não somente uma linguagem da crítica, mas também uma linguagem da possibilidade”( p.60 ).

Na análise do discurso conservador, nota-se que os alunos devem dominar habilidades e compreender conhecimentos impostos e predeterminados; não há espaço para o questionamento crítico. Há também uma outra posição dentro dessa perspectiva conservadora que desconsidera a relação entre conhecimento e a experiência do aluno.

Nessa abordagem, prega-se uma pluralidade de culturas que se integrem a despeito das diferenças quanto a raça, valores, linguagem e estilos de vida. “Está aqui uma tentativa de diluir a noção de diferença em um discurso e em um conjunto de práticas que promovam a harmonia, a igualdade e o respeito dentro e entre grupos culturais diversos”( p.66 ), focaliza o autor. E é por trás desse modelo de igualitarismo, de respeito às expressões de diferentes culturas, que se ignoram as relações assimétricas de poder que se desenvolvem entre elas.

Quanto ao discurso liberal, é classificado em três tipos:

- a ideologia da privação, centrada no atendimento das necessidades das crianças. Nesta ideologia, *necessidade* representa a ausência de determinadas experiências;
- a pedagogia das relações cordiais é promovida para manter os alunos felizes, não se preocupando muito com uma educação qualitativa e emancipatória, mas visando, sobretudo, ao bom relacionamento com os educandos, possibilitando, assim, manter a ordem e o controle na escola;
- a pedagogia centrada na criança, que enfatiza a aprendizagem autodirigida, na qual a criança é um ser único, unindo o conhecimento às experiências pessoais do educando, tentando fazê-lo interagir harmoniosa e positivamente.

A seguir, Giroux propõe uma pedagogia radical associada a uma forma de política cultural, fundamentando-se em Freire e Bakhtin. É uma tentativa “de construir um modelo teórico, no qual as noções de luta, expressão do estudante e diálogo crítico sejam centrais para o objetivo de se desenvolver uma pedagogia emancipatória” (p.80).

Nesse contexto, a linguagem é uma arma importante para a produção e o desenvolvimento de um discurso crítico, questionador e transformador; ela está associada à dinâmica da criação e da expressão, sendo decisiva na construção da experiência e da subjetividade. Assim, ela se cruza com o poder, ficando intimamente relacionada com ele e “funciona para estabelecer

e constituir a forma como professores e estudantes definem, medeiam e compreendem suas relações mútuas e com a sociedade mais ampla” (p.84).

Ao argumentar a favor do desenvolvimento de uma pedagogia radical, o autor diz que essa deve assumir a forma de uma política cultural e deve analisar como os processos culturais são produzidos e transformados dentro de três tipos de discursos:

- o discurso da produção, que avalia a relação entre a escola e as forças estruturais externas, baseando-se nas formas como tal relação contribuiria para uma política da dignidade humana;
- o discurso da análise de texto é um objeto de investigação intelectual, permitindo que professores e alunos desmontem os significados nele embutidos para torná-lo questionável;
- o discurso das culturas vividas visa a uma pedagogia que considere as histórias, os sonhos e as experiências que os alunos trazem para a escola, tornando-se, para os professores, um instrumento de questionamento quanto à ideologia dominante que nela funciona.

Cada um desses discursos, fazendo parte de uma pedagogia radical, “envolve uma concepção diferente de produção cultural, de análise pedagógica e de ação política” (p.102).

É importante também que “uma pedagogia radical seja desenvolvida em torno das inter-relações de tais discursos no contexto de uma política cultural” (p.102). É a partir desses discursos que uma teoria crítica pode ser desenvolvida, possibilitando a construção da escola como esfera pública democrática.

A leitura da obra de Giroux possibilita-nos uma valiosa percepção de como se pode lutar por uma escola como esfera pública democrática, através do resgate do professor como intelectual transformador. Faz-se necessário, também, considerar o aluno como sujeito de sua aprendizagem, como ser pensante e ativo, possuidor de experiências e histórias de vida, capaz de interagir em seu meio para o desenvolvimento da sociedade.

É muito pertinente sua colocação quando afirma que as instituições de treinamento de professores e as escolas públicas têm se omitido em educar os professores como intelectuais. Destaca que, nos programas de formação para o magistério, é enfatizado o domínio de técnicas pedagógicas em detrimento de questões sobre os objetivos, anulando, assim, muitas vezes, o discurso da crítica e da possibilidade. Salvo a palavra *treinamento*, usada pelo autor em “instituições de treinamento”, primeira linha deste parágrafo, estou de pleno acordo. A palavra, a meu ver, deveria ser substituída por *formação* visto que *treinamento* lembra instrução e indica um medidor quantitativo. Devemos pensar, sobretudo, na qualidade, “afinal de contas, qualidade inclui necessariamente quantidade mas tem como marca principal sobrepassá-la” (Demo, 1997, p.61).

Giroux, no final da primeira parte, ao nos trazer a realidade atual dos docentes nas escolas públicas americanas, remete-nos à nossa realidade de salários miseráveis, de carga horária excessiva, em que os professores ficam confinados a maior parte do tempo ao espaço da sala de aula, sem tempo para refletir coletivamente sobre seleção de conteúdos, sobre prática peda-

gógica, enfim, para partilhar as preocupações teóricas e suas habilidades profissionais. Ao citar Phil Cusick a respeito de seu estudo etnográfico em escolas secundárias urbanas americanas, faz-nos refletir sobre nossas escolas públicas, interessadas em transmitir conteúdos predeterminados em seus currículos, sem considerar as diversidades e interesses dos alunos, importando-se principalmente com a ordem e a disciplina.

O autor afirma, com muita propriedade, que o grande problema dessa perspectiva é que o conhecimento objetivo não garante que os estudantes tenham qualquer interesse nas práticas pedagógicas, especialmente porque tal conhecimento parece ter pouco a ver com suas experiências de vida. Além disso, diz ele, “os principais produtos parecem ser a apatia e/ ou comportamentos perturbadores” (p.64).

A obra é muito importante para os profissionais de educação e leitores interessados nessa temática, pois desperta o interesse para outras obras que abordem uma temática complementar. Além disso, motivou-os a buscarem outros textos ao dar algumas pinceladas sobre eles, fundamentando, de maneira muito particular, as suas idéias.

Embora de muita profundidade, os assuntos são abordados de maneira acessível, pelo modo como o autor os escreve. Ao utilizar “em outras palavras”, “em resumo”, retoma de forma didática suas considerações anteriores.

Para finalizar, Giroux argumenta, enfaticamente, a favor de uma teoria crítica, a qual pode gerar uma linguagem capaz de levantar novas questões e permitir possibilidades de mudança.

## Referências bibliográficas

DEMO, Pedro. *A nova LDB: ranços e avanços*. Campinas: Papirus, 1997.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1992.